

Sil / OK

E

BONVICINO, Régis. Um itinerário das artes plásticas: obras reúnem telas e gravuras de Fiaminghi e Evandro Carlos Jardim. **Folha de S. Paulo**, 13 set. 1998.

~~catálogo~~ mais! p. 12

“Hermelindo Fiaminghi”, de Isabella Cabral e M. A. Amaral Rezende, e “Evandro Carlos Jardim”, de Yvoty Macambira, pertencem à coleção “Artistas Brasileiros”, da Edusp, que com a série, procura fixar o perfil de artistas plásticos, poetas e dramaturgos que atuaram e influenciaram no século 20. A iniciativa não se limita a autores já mortos, como o poeta Jorge de Lima ou Lasar Segall, mas se estende a criadores vivos, como Fiaminghi e Jardim, os dois ainda marcados pela coincidência da “paulistanidade”: sim, nasceram em São Paulo e fizeram dela referência universal, em seus trabalhos.

Não só São Paulo os une – num “cotejo” que revela mais diferenças do que semelhanças – mas também o fato de terem iniciado seus itinerários como “gráficos” – Fiaminghi como litógrafo, cronista ?????, e Jardim com a gravura em metal (à qual se mantém fiel, com intervalos reservados à pintura e escultura, até hoje). As bienais de arte foram também estímulos para a carreira de ambos, que, ao contrário dos artistas mais jovens, pouco saíram do Brasil no período, digamos, de formação. Os dois representam, de algum modo, o embate entre “figuração” (Jardim) e “não-figuração” (Fiaminghi).

Segundo Yvoty Macambira, as bienais serviram “para fomentar ~~esses~~ paixões com argumentos que iriam se estender até a década de 60”. Ela está correta ao observar ainda que as “tendências não-figurativas foram as vertentes para onde se inclinou grande parte de nossos artistas (...). No âmbito nacional, destacava-se o movimento concreto, que vinha se consolidando desde os anos 40, reforçando experimentações com as formas não figurativas”. É com esta corrente que se forja o trabalho de Fiaminghi e é, em oposição à ela (não beligerante) que se firma Jardim como gravurista, técnica então (dos anos 50 em diante) considerada, por assim dizer, ultrapassada. A gravura foi sempre um pouco explorada no Brasil. Oswaldo Goeldi (1895-1961) foi o seu pioneiro. E agora Jardim, grande mestre nesta arte, numa perspectiva também de certo modo expressionista.

O volume de Isabella Cabral e M. A. Amaral Rezende é quase uma recuperação da obra de Hermelindo Fiaminghi – este “publicitário” que soube superar o geometrismo estrito (linha, espaço e cor) do movimento concreto para, a partir de 1958, recusando a “pop art”, entre outras, se afirmar como um dos mais originais pintores do Brasil, com sua “corluz”. As quase-formas, quase-cortes que, explorando a técnica das retículas da fotografia, se impõem às telas a óleo. Não sem razão Fiaminghi foi amigo de Alfredo Volpi, com quem pôde aprender não só a criar sua própria tinta, mas a se voltar para a pintura, de modo menos “datado” e mais essencial.

O rompimento com o grupo concreto pintores (e não de poetas, com os quais manteve amizade e diálogo/), liderado por Waldemar Cordeiro, em 1958, com “Os Virtuais”, se revelou, ao longo dos anos, pleno, com trabalhos de primeira linha como “Reticula Cor-Luz”, de 1978, ou entre tantos, a “Despaisagem Reticula Cor-Luz”, de 1985.

Essas séries – definidas por Isabella ~~Cabral~~ e Amaral Rezende como decomposição física da cor, entre o projetado e o improvisado – mostram como Fiaminghi sintetizou, de modo próprio, traços do impressionismo – que negava com o movimento concreto – com técnicas mais contemporâneas, como as da fotografia. A cor extraída do interior das cores, sem limites geométricos, intensas, registrando aspectos pouco aparentes da natureza, fazem de Fiaminghi, entre Volpi e Claude Monet – para além deles um marco. Décio Pignatari, no belo poema “Fialuz”, o capta de maneira precisa: “Pode acontecer com qualquer um/ - mas, em Fiaminghi a tela é ela/ e toda e qualquer coisa que não ela,/ desde que /cor e luz...”. [ca]

[...] Sil, não copieie o restante, pois tratava do Jardim.

ex 060